

Stadium

N.º 357
5 de Outubro de 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Fernando Peyrolo o famoso avançado-centro do Sporting e da selecção nacional, que é hoje homenageado, terminando uma das mais brilhantes carreiras do futebol português

Na noite do Sorteio para os jogos do Campeonato Nacional...

Quatro pensamentos... outras tantas opiniões

— Os votos do tesoureiro da Federação de Futebol

— Jogamos este ano contra a Espanha (2 vezes), Inglaterra e Escócia, pelo menos...

EFECTUOU-SE o último acto para que se possam iniciar os campeonatos da 1.ª e 2.ª Divisões — o sorteio dos jogos.

É um acontecimento que desperta curiosidade e se reveste de interesse. Comparecem os dirigentes dos clubes, investidos nas suas qualidades de delegados, e também muitos sócios, dos que não resistem em saber o mais breve possível a sorte dos jogos. Vêm-se igualmente muitas caras conhecidas, gente ligada de perto com os casos do futebol.

Por isso o salão de congressos e reuniões da Federação Portuguesa de Futebol encheu-se, completando-se a assistência com gente anónima da bola, daquela que não perde qualquer acontecimento que se prenda com o seu desporto favorito.

Estes sorteios têm todas as características dos... sorteios. Começa ali a expectativa dos resultados dos jogos, do próprio torneio. É a sorte, de mãos dadas com o imprevisível, que paira no ambiente daquele acto.

O dr. António José de Melo, presidindo, dá começo ao sorteio. A seu lado os conhecidos funcionários da Federação, António Sequeira e Ruben, agitam pela primeira vez as urnas onde chocam os dados com as inscrições dos respectivos clubes. E saiu o primeiro jogo: Sporting-Lusitano. A bem dizer havia começado oficialmente o Campeonato Nacional de Futebol.

Quatro pensamentos... outras tantas opiniões

O sorteio continuou rápido. Quando se procedeu ao dos jogos da 2.ª Divisão já no salão estava muito menos gente. Os grandes, com todo o seu prestígio e glórias, estavam já devidamente arrumados...

Enquanto estava em jogo a sorte dos 68 clubes da 2.ª Divisão procurámos caras conhecidas.

Acercámo-nos do dr. Ribeiro Ferreira, o prestigioso presidente do Sporting, e quase lhe segredámos:

— Então dr., também será este campeonato para o Sporting?

O dirigente dos «leões» encolhe os ombros com um gesto demorado e responde-nos:

— Quem sabe anda lá no alto. Mas... quem dera!

E olhando-nos com um sorriso: — Não me fica mal dizê-lo, pois não?!

Vemos ali perto, Alberto Brito, o delegado do F. C. do Porto.

— Que opinião tem acerca deste novo campeonato?



O dr. Ribeiro Ferreira é o primeiro a tirar a bolinha da sorte... ou do azar!

— Já? Olhe, o Porto começa muito fraco. Mas há-de ser mais uma vez o prestigioso representante do futebol nortenho. Por enquanto vejo um grande *team*, o Sporting.

— O ambiente lá pelo Porto?

— Com um só representante na 1.ª Divisão o entusiasmo pelo futebol vai abrandar. É pena. O nosso contributo tem sido dos melhores. Além disso não se pode esquecer que somos o segundo centro desportivo do País. Mas, este ano é assim...

«Há uma altura do torneio em que a cidade do Porto não verá um jogo durante mais de um mês!

Francisco Retorta, o presidente do popular Benfica, estava a nosso lado.

— Que ideia faz deste campeonato?

— Por agora só lhe digo que o Benfica vai mais uma vez tentar a sua *chance*. E tudo há-de correr pelo melhor, assim confiamos, e vamos para o torneio com a ideia — e ponderando certas razões — de o ganhar.

Cumprimentamos Jorge Vieira. O prestígio e simpatia deste antigo jogador mantem-se. Ainda se diz: olha o Jorge Vieira! — O que nos dará este campeonato?

— Será disputado com o mesmo



O Benfica, por intermédio de Francisco Retorta, entra no sorteio...

entusiasmo e lealdade. Tenho a certeza, mas sinto que é a Província que vai jogar as grandes cartadas. Os clubes da Província agigantam-se cada vez mais. Se eles tivessem dinheiro!...

Os votos do tesoureiro da Federação de Futebol

Terminara o sorteio. A sala quase se esvaziara.

O dr. A. José de Melo, tesoureiro da Federação, acedera amavelmente a dar-nos também a sua opinião.

Conversamos uns rápidos momentos. Eis o que nos disse:

— O futebol português carece de valores que possam substituir os que já se retiraram e aqueles que se retiram em breve, vencidos pela força implacável dos anos.

Faço votos que no campeonato que vai iniciar-se, esses novos valores se revelem para que, quer as representações clubistas, quer a representação nacional se valorizem, enriquecendo assim as competições do desporto-rei.

E continuando a divulgar-nos o seu pensamento:

— Faço votos igualmente para que os jogos da 1.ª e 2.ª divisões sejam disputados arduamente e que o seu vencedor não seja prematuramente conhecido.

Na 1.ª divisão, em vez do clássico duelo Benfica-Sporting, seria motivo de contentamento para todos os desportistas que a estas duas glórias do desporto nacional, outros clubes de grande projecção no meio desportivo português, fôssem sérios pretendentes ao título de campeão.

Era esta a opinião do conhecido dirigente. No entanto, ainda fizemos umas perguntinhas:

— A nova orientação deste campeonato será mantida?

— Não. Não serve. A orgânica que movimentará o maior torneio do futebol português deverá ser outra.

— Teremos este ano a «Taça de Portugal»?

— Estou convencido que haverá datas disponíveis suficientes para se disputar a «Taça de Portugal». Considero até imprescindível este torneio para que possa vir a Lisboa o representante das ilhas. O futebol dos Açores e da Madeira, acusando desenvolvimento admirável e com enorme entusiasmo vivendo o seu prestígio futebolístico, tem de vir até nós. E para isso só o torneio da «Taça de Portugal» lhe é acessível.

— O ano internacional? Julgamo-lo de muito interesse. Além dos logos já marcados com a Espanha e a Inglaterra teremos a visita, em Maio, do representante da Escócia.

Aquele momento não era propício para mais demorada palestra. Despedimo-nos.

Antes de abandonarmos a sala passeámos a vista pelo frizo de fotografias e de jogadores antigos que ornamentam as paredes. Estão ali grandes figuras do futebol nacional, vivendo ainda o seu prestígio de outrora, que tanto ajudou a este grande movimento de clubes como os que nessa noite entraram no Sorteio, para a maior competição do futebol português.

FERNANDO SÁ

**Cada qual
sua verdade**

A Federação Francesa de Andebol, cuja delegação foi recebida no nosso país com a tradicional cortezia portuguesa e que desde então nem sequer enviou a sua congénere nacional um simples ofício de bem merecido agradecimento, publica um boletim em cujo número de Junho se comenta o Portugal-França disputado no Porto.

Apesar de frequentes insinuações esse número nunca foi remetido para cá e só agora, por gentil interferência do presidente da F. Francesa, conseguimos obter um exemplar e tomar conhecimento das curiosas apreciações do sr. Berrel, que acompanhou a equipa como delegado técnico.

A crónica é longa e toda ela interessante para nós; começa por rasgados elogios, transitiva para furiosa diatribe contra o árbitro (imparcial mas ignorante, no dizer do autor) e termina afirmando que os nossos jogadores têm muita habilidade natural, «super-voltada» energia, finam como ninguém no continente, mas desconhecem a lática do jogo, usam de técnica individual rudimentar e abusam de rudesza para com o adversário. Em remate destas «verdades pessoais», o sr. Berrel repele-nos a ameaça que diz ter sido feita aos franceses em 1945, pelos primeiros dirigentes estrangeiros cujas representações defrontaram: «Ou mudam de maneira de jogar e educam os vossos jogadores e árbitros, ou não jogaremos mais convosco».

Lamentaremos todos sinceramente se assim suceder, pois ligam-nos à França e aos seus desportistas afinidades e simpatia inextinguíveis; mas também não aceitaremos imposições e, se os franceses não quiserem, contentar-nos-emos aceitando os convites e oferecimentos que nos chegam de tantos países europeus.

Sem pretender replicar com a «noxa verdade» à «verdade Berrel», limitar-nos-emos a recordar que em Niori foram marcadas três grandes penalidades contra a França e uma só contra Portugal, além de maior número de lances livres; e que no Portugal-França do Porto se não registou o menor incidente entre jogadores.

Também nos não esqueceu ainda a edificante atitude de Noel Fleury, capitão de equipa para quem a palavra disciplina se escreve com um i e um n na frente.

O capitão Henrique Calado

**voltou a ser o cavaleiro
mais premiado do ano**

O capitão Henrique Calado, cavaleiro de qualidades excepcionais, que de há uns anos para cá tornou o seu nome conhecido, não só no país, como no estrangeiro, tão brilhante tem sido a sua actuação em concursos realizados entre nós e em Madrid, Burgos, Barcelona e Paris, acaba de, mais uma vez, se ver classificado à frente de todos os nossos concurrentes, conseguindo o título de cavaleiro mais classificado do ano.

A magnífica posição alcançada pelo brilhantíssimo desportista — igual àquela que já obtivera nos anos de 1944, 1947 e 1948 — não nos surpreendeu, nem surpreendeu ninguém.

Bastariam as classificações obtidas em Madrid — não esqueçamos que além de 1.º na prova «Assuntos Exteriores», ficou 2.º e 3.º no «Grande Prémio» — para o colocar num nível superior a todos os outros, se tomarmos por base o valor dos prémios obtidos.

E' inútil tão conhecidas são, referir as suas grandes qualidades de cavaleiro, e as suas múltiplas faculdades de desportista. O capitão Henrique Calado, que no hipismo português ocupa um lugar de extraordinário destaque, não necessita que se fale sobre o seu valor. As provas que dele já tem dado são inúmeras e não há no país pessoa que se interesse por questões equestres que desconheça o seu nome e o seu prestígio de cavaleiro.

Falando há pouco com alguém que tem corrido o Mundo e que em toda a parte tem lido de perto com desportistas hípicas, esse alguém, desassombradamente, nos declarou que cavaleiros como Henrique Calado não abundam e, pelo contrário, são bem raros.



O capitão Henrique Calado

Dito isto, dito está tudo!

O campeão português — achamos curioso denomina-lo assim — conseguiu, se os nossos números não erram, 39 prémios, entre os quais figuram seis primeiros e outros tantos segundos.

Venceu — sempre com imenso brilho — a «Omnium» de Mafra, no «Favorito»; as provas Bosque de Bolonha (equipas), em Paris, e «Assuntos Exteriores», em Madrid, qualquer delas montando «Raso»; a «Omnium» de Espinho, no «Caramulo»; «Câmara Municipal de Sintra», com «Favorito»; e «Caça» (1.ª série), de Cascais, no «Cafoné».

Mais seis vitórias a acrescentar ao seu brilhantíssimo «palmarés»,

mais trinta e nove prémios a juntar aos muitíssimos que engrandam a sua acção de desportista hípico da primeira plana.

Nesta época, além dos cavalos já referidos, montou ainda «Montijo», «Zuaris», «Enigma» e «Bandeiro», estes três últimos ocasionalmente.

Os que, no entanto, mais fortemente contribuíram para a obtenção do lugar que acaba de conseguir, foram o argentino «Raso», com o qual actuou em Paris e Madrid e o novo anglo-árabe «Favorito», no qual se depositam as melhores esperanças. Isto não quer dizer que o seu novíssimo argentino «Caramulo», não lhe tivesse proporcionado classificações, quase inacreditáveis, se pensarmos no pouco tempo que tem de ensino e na sua reduzida idade.

Para o capitão Calado não há cavalos novos, nem novos cavalos. Há simplesmente obreiros de uma carreira brilhante que, sabiamente conduzidos, chegam onde muitas vezes se duvida poderem chegar; ganham o que nem sempre se espera que consigam ganhar.

E' o talento do cavaleiro a fazer o milagre, a levá-los além das suas possibilidades reais, merecê das suas «ajudas» e do seu inconstatável saber.

ANTAS TEIXEIRA

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

Ano VII — II Série — N.º 827
Lisboa, 5 de Outubro de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de

EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

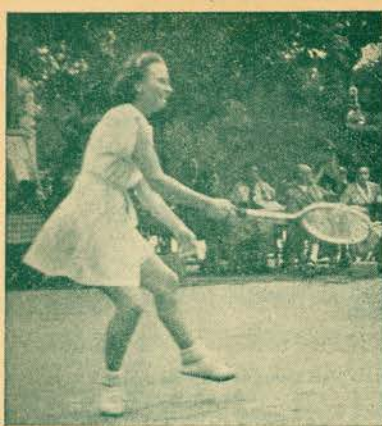
Visado pela Comissão de Censura



O capitão Calado, no «Favorito», transpondo o «muro encarnado» no último Concurso Hípico de Lisboa

TÊNIS EM CASCAIS

Os Campeonatos Internacionais de Portugal permitiram ao checo Matous uma proeza sempre difícil: ganhar três provas



Peggy Brixhe, a melhor jogadora que habitualmente pisa os nossos «courts»



Helena Stoaebowa, agora M.^{me} Matous, prepara-se para decidir um ponto, com um «smash»



O checo Matous, vencedor de todas as provas em que participou, em plena acção na final de «singulares»

Os Campeonatos Internacionais de Portugal de 1949, organizados, tal como vem desde 1902, pelo Sporting Clube de Cascais, sem terem atingido o êxito dos anos em que, pela primeira vez, neles participou Cochet ou outros jogadores da sua categoria excepcional, decorreram, no entanto, em condições de não desmerecerem da tradição muito honrosa do certame.

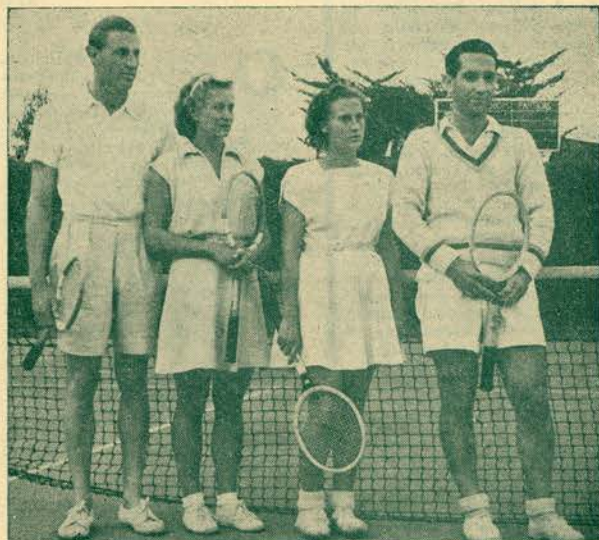
Falhadas as tentativas para a vinda de Borotra e Von Cramm, posta de lado a ideia de trazer a Cascais Marcel Bernard, o clube da Parada não pode apresentar senão Matous e sua mulher — ele, o n.º 3 da Checoslováquia, a seguir a Drobny e Cernik, ela, considerada a melhor europeia da actualidade — o espanhol Fernando Olozaga e o egípcio Heuri Zalzal.

Importava não quebrar a tradição da realização anual dos campeonatos e o objectivo foi conseguido, sem que haja motivo para lamentações.

Matous e M.^{me} Matous ganharam tudo quanto podiam ganhar; Zalzal partilhou dum título; e Olozaga logrou ainda chegar a uma final. Isto quer dizer que os quatro tenistas estrangeiros corresponderam ao que deles se dizia quanto ao seu valor. O checo foi o que revelou melhor classe, acreditando-se que possa ter a classificação que se lhe aponta. Sem ser excepcional mostrou-se bom jogador. Como ele, sua mulher, confirmou as referências que dizem ser ela a melhor jogadora da Europa, no momento actual. Zalzal revelou-se vulgaríssimo. E, se na verdade faz parte da equipa da Taça «Davis»... fraca impressão terá ficado do ténis egípcio.

Para os jogadores portugueses, estes campeonatos foram de selecção. O mau tempo forçou a encurtar o número de jornadas reservadas para o certame e tornou-se por isso indispensável limitar as inscrições. Assim se fez uma selecção. Todos os campeões nacionais estiveram presentes. José Roquete, Eduardo Ricciardi, Manuel da Silva, José da Silva, Azevedo Gomes, David Cohen, Peggy Brixhe e as irmãs Silva Araújo são hoje os nomes mais representativos do nosso ténis. E todos se exibiram em Cascais, com maior agrado os campeões Roquete e Peggy Brixhe, de tal modo que o seu comportamento tem de considerar-se muito honroso.

J. Roquete eliminou Fernando Olozaga, através duma acção francamente boa e ainda que o espanhol não nos tivesse parecido na sua melhor forma, o certo é que uma vitória sobre F. Olozaga tem valor. Na final, o campeão de Portugal esteve um pouco abaixo das suas possibilidades. A luta



Os finalistas da prova de «mistos» — Da esquerda para a direita. — Matous, M.^{me} Matous, Peggy Brixhe e F. Olozaga

decidiu-se em quatro partidas e há dois meses, no Porto, o vencedor só se conheceu ao cabo da quinta partida. Terá Roquete começado a luta com excessiva confiança?

Peggy Brixhe foi a única jogadora que «bateu o pé» à consagrada M.^{me} Matous. E' a melhor referência que se lhe pode fazer.

Em pares-homens, Roquete-Ricciardi reconquistaram o prestígio da melhor formação dos últimos anos em certames internacionais, abalado pela sua recente derrota em frente de Manuel Silva-José Silva, nos últimos Campeonatos Nacionais. Alcançaram bonita desforra, na meia final, e proporcionaram luta animada e, sobretudo,

emocionante, na final. A vitória esteve à vista por três vezes, mas a reacção de Zalzal nas derradeiras fases do encontro, parece que influiu no moral dos nossos mais categorizados jogadores.

A prova de «mistos» foi a que menos interessou o público. Uma final em que a representação do nosso ténis era a mínima que tinha de ser ressentir dessa circunstância.

O ról dos campeões foi acrescido com os seguintes nomes: *Singulares-homens* — Matous; *angulares-senhoras* — Muse Matous; *pares-homens* — Matous Zalzal; *pares-mistos* — Matous e Muse Matous.

D. D.

ARCADIA DANCING DE LUXO

TODAS AS NOITES

APRESENTA UM EXTRAORDINARIO PROGRAMA DE ATRACÇÕES INTERNACIONAS

Os mais elegantes bailarinos do Mundo

RIBER & DANTZER

O famoso ballet internacional

SACHA GOUDINE

Êxito retumbante da célebre orquestra

RIO CLUB

NICOLE BLANCHERY ♦ MARY MELY ♦ LOLITA BERNABÉ ♦ MABEL VALÊNCIA ♦ SARA SENY

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista JULIETA RODRIGUES

A homenagem a Peyroteo na Casa dos Estudantes do Império



O dr. Salazar Carreira, Inspector dos Desportos, foi encarregado de colocar na lapela de Fernando Peyroteo o distintivo feito em pedras preciosas da Casa dos Estudantes do Império e por esta oferecido na homenagem prestada no dia 26 de Setembro. Mas a tarefa apresentou-se extraordinariamente difícil, pela simples razão de Fernando Peyroteo não usar lapela... O facto remediou-se com certo engenho, mas no dia a seguir já o rico distintivo estava devidamente metido na casa do casaco, muito feliz da sua vida...



A homenagem prestada pela Casa dos Estudantes do Império presidiu o sr. dr. Salazar Carreira. O major Ribeiro dos Reis leu um belo trabalho sobre a personalidade desportiva do homenageado. Os sr. Torres de Sousa e dr. Angelo Vidigal fizeram discursos repassados de amizade e simpatia. Manuel da Silva representou o Sporting. Peyroteo, com simplicidade, agradeceu, confessando que lhe era mais fácil resolver os problemas de campo... Na mesa de honra tomou assento o nosso chefe da Redacção, dr. Tavares da Silva

O SPORTING DE BRAGA conquistou a «Taça Preparação» vencendo o Vitória de Guimarães por 5-0



Franklin num belo remate de cabeça.



Cesário, guarda-redes vimaranense, intervem com oportunidade



CAMPEONATOS NACIONAIS CORPORATIVOS — No Porto, na pista do Lima, disputaram-se as provas de concurso dos Campeonatos Nacionais Corporativos de Atletismo. — A' esquerda — Os atletas da C. U. F. que, mercê dos resultados que obtiveram, colocaram o seu grupo no primeiro lugar da classificação. A' direita — O grupo dos concorrente.

DIÓGENES extremo esquerdo dos «azuis»

disse-nos: não teria desprezo em ser profissional da bola, mas...

Diógenes António de Assis Boavida, de 23 anos feitos em 23 de Junho findo, falou ao redactor da «Stadium», como havia prometido.

O nosso entrevistado de hoje não é por assim dizer um «recruta» de «Os Belenenses», mas sim um elemento valioso que ingressou no prestigioso clube «azul» para reforçar a sua equipa de honra.

Nome já conhecido, não só na cidade Invicta, onde prestou o seu interessante concurso ao clube campeão durante a época que findou, mas também em Lisboa e nas cidades da província onde o seu ex-clube actuou quer no Campeonato Nacional da I Divisão, quer em desafios amigáveis, o extremo esquerdo angolano participou no domingo passado no prélio disputado entre «azuis» e «encarnados», não tendo desmerecido do conceito que grangeou, apesar das condições desfavoráveis em que alinhou.

Não o classificamos, portanto, como uma esperança do futebol nacional, mas sim como um elemento de valor positivo que, a seu tempo, demonstrará de forma mais acentuada o seu real mérito. Iniciou a prática de futebol em Luanda, cidade onde nasceu, tendo vestido a camisola do Clube Atlético de Luanda nas temporadas de 1946 e 1947.

Desejoso de obter uma posição social compatível com os seus anseios, veio até ao continente a fim de prosseguir nos estudos iniciados no Liceu Salvador Correia.

Findo o curso liceal, trocou a segunda cidade do país pela capital do Império, a fim de se matricular na Faculdade de Direito, o que já fez.

Apresentado o futuro licenciado em direito, vamos seguidamente revelar quanto nos disse e se relaciona com o desporto.

A cênica que decorreu com vivacidade, pois Diógenes é um «rapaz culto e excelente cavaqueador, serviu para que ficasse-

mos com a certeza de que a sua ideia dominante é servir bem e a contento «Os Belenenses», mas sem prejuízo do seu curso, estando no firme propósito de conseguir os dois fitos sem prejudicar qualquer deles.

Quanto ao profissionalismo no futebol, tema palpitante que apaixona os aficionados, podemos revelar o seu pensamento desta forma:

Portugal só poderá atingir o mesmo nível de perfeição revelado pelos países que praticam esta modalidade, desde que implante o profissionalismo reconhecido e regulamentado oficialmente, cessando com a situação actual, que não serve os interesses do futebol nacional. O jogador português, com tempo exclusivamente dedicado ao seu mister profissional — o futebol — atingiria sem grande esforço, dada a natural propensão para assimilar com facilidade, classe e perfeição tão apurados como os melhores estrangeiros que nos visitaram e pudemos apreciar, ou ainda daqueles, que só conhecemos através da narrativa das suas proezas.

A forma como o caso deve ser resolvido compete a quem de direito que, certamente, estudaria cuidadosa e conscientemente o assunto, analisando-o sob todos os aspectos favoráveis e desfavoráveis para obter uma solução que se coadunasse com os interesses dos clubes e dos jogadores, criando deveres e direitos de possível cumprimento. A consulta do que se encontra legislado nas nações onde o profissionalismo existe, impõe-se de facto, mas há que observar o «meio», as condições de vida e o grau de desenvolvimento de cada um deles, para, após um criterioso confronto, se fazer uma adaptação racional, equilibrada e justa às condições sociais da vida portuguesa, mormente quanto à situação dos profissionais, finda a sua carreira.

Não pode admitir nem por hipótese absurda, que um homem

com 35 anos, passe a viver da retribuição monetária que lhe competirá, colocando-se injustificadamente em igualdade de circunstâncias com aqueles indivíduos que auferem os proventos da sua reforma, após o limite de idade fixado por lei, 70 anos!

Ouçamo-lo agora.
— Não teria desprezo em ser profissional da bola, — disse, desde que esta situação, não me impedisse de alcançar o que de há muito ambiciono: ter uma posição social, baseada no estudo e na formação mental. Anseio por conhecer através das melhores obras dos mais célebres autores, a evolução e progresso da Humanidade! Apaixono-me com o conhecimento dos usos e costumes dos povos, através de vários séculos de civilização. Enfim, tenho legítimas aspirações de me firmar na vida, em meio que satisfaça os meus anseios! Dizer que uma coisa não contraria a outra é estultícia. Se me resolvesse a ser um jogador profissional não poderia chegar ao que pretendo. O acesso a meios culturais ficaria-me vedado e a dependência da bola sujeitar-me-ia a uma actividade restrita que não quero admitir. Terminado o meu curso regressarei à cidade que me viu nascer e abraçarei uma profissão.

Disse também-se, depois, sobre o futebol praticado em tempos idos e o que actualmente presenciámos.

Eis o que, em resumo nos disse: Pelo sistema antigo, o jogador tinha mais tempo para conceber a jogada, finalizando-a de acordo com o seu pensamento, uma vez que largas clareiras de terreno se lhe ofereciam para uma movimentação apropriada. O atleta podia dar largas à fantasia e o sistema permitia-lhe a improvisação do lance que muitas vezes destroçava por completo a defensiva do adversário, que já mais poderia saber, antecipadamente, o que resultaria da banda contrária quando a ofensiva era iniciada.

No futebol actual, só raramente tal é possível, porque o jogador tem um campo de acção limitado, movimentando-se com dificuldade pelo apego com que o seu «para» o acompanha sempre, no propósito deliberado de lhe embaraçar os movimentos. É fácil apreciar o contraste!

Como espectáculo o jogo moderno reputa-o mais interessante, pelo ritmo que se verifica no desenvolvimento das jogadas, grande parte delas pré-concebidas e executadas nos treinos, embora o futebol não possa obedecer a um esquema rígido.

Todavia há uma harmonia flagrante na marcação e desmarcação dos 20 jogadores em luta, que actuam conscientemente em proveito da equipa, conjugando os seus esforços para um rendimento global eficaz, sacrificando,



DIÓGENES é um bom jogador, um rapaz culto e excelente cavaqueador...

como se impõe, o pessacismo tão do agrado de cada um.

No futebol actual não se pode jogar a contento das necessidades da equipa, só porque se é um habilidoso. Mais do que essa excelente qualidade é preciso ter fulgências de raciocínio para, sem hesitações, aquilatar a maneira mais aconselhável para agir proveitosamente, iludindo a aturada vigilância daquele que tem por missão contrariar os seus desígnios.

A propósito, falou-nos do seu actual treinador, o italiano Rino Martini, que classifica de competentíssimo pelo que lhe foi dado observar e, ainda, pelo cuidado que lhe merece o por menor de jogo e facilidade com que se apercebe dos lances defeituosos gizados nos treinos, apontando ao mesmo tempo, sem hesitar, a solução indicada, pondo-a em prática de várias maneiras.

Sobre o Campeonato Nacional da I Divisão que em breve começará, afirmou-nos:

— É uma prova dura, mas aliciante. Pelo que conheço da «forma» das equipas em relação à temporada finda, distingo o Benfica, Sporting, Porto e Belenenses, como os mais apetrechados para a ganharem. Cito o meu clube, porque os desaires sofridos na «Taça Preparação» devem ser considerados como episódios e não como sintoma do valor actual da equipa. Com os rapazes que tem, «Os Belenenses» marcará boa presença e virá a ser, em futuro próximo, o mesmo clube aguerrido e valoroso, respeitado e temido pelos adversários.

«Os agrupamentos provincianos, embora de menor valor téc-



Numa sessão de treino: Diógenes e os seus camaradas belenenses rodeiam o treinador Martini

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castelejo

(Continuação)

Na turma do primeiro alinhou nesse encontro, episódicamente e por necessidade, Alvaro Peyroteo que já se retirara e presidia aos destinos do clube, como atrás dissemos.

Na disputa de uma bola, encontraram-se Fernando e Alvaro. Este procurou apanhar o esférico entrando com a cabeça baixa, portanto ao alcance do pé do irmão que, sem o poder evitar, o magoou na cara.

Ao ver o sangue correr, ficou enervadíssimo e imóvel, paralizado de vontade e movimentos.

Arrancou-o dessa momentânea obstrução a voz de Alvaro, exclamando:

— Não tiveste culpa nenhuma, meu rapaz. Jogo é jogo. Não penses nisso. Cumpre o teu dever. Vai à bola...

Que magnífico exemplo de solidariedade e companheirismo!

Num torneio particular que se efectuava anualmente, aproveitou as férias do Liceu para, acedendo a um convite e porque o regulamento do torneio o consentia, alinhar pelo Sporting Club no Lobito, nesses encontros.

Na defesa esporádica dessas cores, foi o jogador esforçado de sempre, contribuindo com o seu valor para a vitória leonina no torneio.

Mais tarde uns dias, deslocou-se a Nova Lisboa, onde se encontrava seu irmão Alvaro, — um grande amigo e um excelente coração — e aí se quedou em gozo de férias na sua companhia.

Entretanto, o sr. Norberto Santos, um desportista com por cento, conhecido pela «malta» da bola sob a designação do Consul de Moçâmedes em Luanda, por ser um dedicadíssimo amigo dos jogadores a quem arranjava colocação profissional, sabedor da presença de Fernando em casa do irmão, escreveu a este perguntando-lhe se o estudante estaria disposto a jogar no Sporting de Luanda, tendo já garantida a sua entrada como funcionário da Fazenda Pública dessa cidade.

Apreciada a proposta com todo o cuidado, depois de pesados os prós e os contras, Alvaro respondeu afirmativamente, pois Fernando ambicionava colocar-se e obter, como seus irmãos, uma boa situação social.

Na época de 1936, Fernando entrava para o Sporting Clube de Luanda, alinhando a in-



A selecção de Luanda que bateu a do Congo Belga por 11-0, em Agosto de 1934. Lá está Fernando Peyroteo, o 5.º a partir da esquerda de pé, que conseguiu 4 golos à sua parte. O último da direita no 1.º plano é seu irmão Júlio, que jogou a extremo esquerdo

terior-direiro, tendo como companheiros de equipa: seu irmão Júlio que já lá se encontrava, e Anibal Paciência, que mais tarde veio para o Sporting Clube de Portugal, o mesmo clube que Peyroteo representaria no continente.

Ganhou nesse ano o campeonato local e foi seleccionado para jogar contra o Congo Belga, tendo a vitória sorrido aos angolanos, as duas vezes que se defrontaram, uma delas pela expressiva margem de 11-0 e a outra também por uma diferença avultada. Nesses encontros Fernando marcou cerca de 10 golos!

Nesta época áurea do futebol angolano, se tivesse sido possível efectivar-se uma pugna em Lisboa, entre os valores mais representativos de Angola e os da capital do Império, o resultado e a actuação dos jogadores visitantes não desmereceria, tão evidente era o seu nível técnico e a eficiência defensiva e construtiva!

Antes da sua abalada para Lisboa, o último encontro que disputou foi contra o Sport Lisboa e Luanda, forte equipa recheada de bons valores entre os quais se destacava Guilherme Espírito Santo, grande jogador e belo camarada e amigo.

Venceram os «leões» por 5-2 (?), num

Luanda, quando soube a notícia, moveu influências no sentido de obstar a deslocação do seu jogador, mas sem resultado favorável.

Então, dadas as óptimas relações que mantinha com a sede, recomendou-o ao Sporting Club de Portugal, como um valioso reforço para as suas turmas.

Os directores da Filial levaram o seu cuidado de apresentação até ao pormenor, remetendo para Lisboa uma ficha completíssima, da qual constava o peso, altura, envergadura, força de remate, velocidade, etc., etc.

No dia 10 de Junho de 1937, com 19 anos de idade, o jovem Peyroteo quando o barco atracou à muralha da capital portuguesa, tinha à sua espera, além das pessoas de família, os directores do Sporting, srs. Francisco Franco e Filipe Courado, que jubilosamente lhe apresentaram as boas vindas em nome da agremiação que representavam.

Quem havia de dizer, nesse momento em que pela primeira vez o esperançoso jogador angolano pisava o solo do continente, que o futebol nacional viria a ter nele um dos seus mais altos e extraordinários valores!

(Continua)

nico, são em sua casa escolhos perigosos que podem levar a «naufrágio» as melhores esperanças dos mais apetrechados.

Derivámos, nesta altura, para o futebol angolano. O tema agradou a Diógenes que sollicito aquiesceu em dizer-nos:

— A diferença técnica entre o futebol praticado em Angola e o da metrópole não é tão disneyvelada como os recentes resultados obtidos pelo Futebol Clube do Porto deixam supor. Diferença há, sem dúvida, mas com base sobretudo nos motivos seguintes: 1.º — a duração dos encontros ser apenas de 60 minutos. Só quem pisa um campo de futebol, pode avaliar com justeza o que representa para um atleta actual, jogar mais 30 minutos que o

tempo habitual! Ilustro esta afirmação com o resultado obtido no encontro que efectuámos no Congo Belga, o mais nivelado de todos, precisamente porque o jogo só durou uma hora. 2.º — Lá os jogadores não recebem subvenção. Praticam o futebol espontaneamente, por prazer e amor à camisola que vestem. Vão aos treinos quando podem e, sabe Deus, com que sacrifício, para não faltarem aos deveres profissionais. Se um dia os clubes africanos enveredarem pelo caminho seguido pelos do Continente, com a aceitação do regime por parte dos jogadores, então, o panorama actual sofrerá modificação, pois os valores não escasseiam naquelas paragens, como o atesta a vinda de vários elementos que

são integrados nas equipas de honra dos clubes de maior prestígio e grandexa no País.

«Já que vem a propósito — prosseguir — quero asseverar-lhe quanto me agradaria se fomentasse com relativa regularidade o intercâmbio entre a metrópole e as colónias. Acho-o proveitoso e aconselhável, pelos resultados que adviriam. Os clubes angolanos ou de qualquer outra parcela de território pátrio, colheriam ensinamentos técnicos sobre futebol e os visitantes ou visitados também lucrariam, sob o aspecto cultural, pela observação directa da vida social e grau de aperfeiçoamento dos vários ramos de actividade humana, impedindo-os de ajustarem de maneira supérflua e injusta o que ali se passa. E' de-

verdo Estado acarinharem esta ideia que está profundamente arraigada na mente dos desportistas não só da minha terra, como de todas as colónias. E porque não tornar extensivo este intercâmbio ao estrangeiro, se os motivos apontados subsistem sob esta faceta?

Proferidas estas últimas palavras, o novo «belenense», após ter inquirido se desejávamos perguntar mais alguma coisa e ter obtido resposta negativa, exclamou:

— Estou muito grato a «Stadium» pela sua gentileza. Aproveitando o ensejo saúdo todos os meus amigos do continente e abraço, com muita saúde, os meus companheiros e amigos angolanos.

PITTA CASTELEJO

Sporting e Benfica

uma vez mais no topo

Acentua-se a recuperação belenense

TERMINOU o torneio de preparação da A. F. L. Vencedor o Sporting, que já o era da jornada anterior. Em 2.º lugar o Benfica. Sempre a mesma coisa... E assim há-de continuar a ser, umas vezes por outras aparecendo um vencedor diferente — F. C. do Porto no Nacional, Belenenses no Nacional e no Regional.

Não é por mero acaso que os quatro clubes são considerados — os «leões»...

A superioridade de conjunto dos «leões» foi evidente. Embora, na verdade, a equipa não tenha dado a mesma sensação forte da época passada. Aliás, tal não surpreende. Começo de temporada e efeitos de um «defeso» que não foi «defeso».

O Benfica teve uma «escorregadela» na Tapadinha, contra um Atlético que principiou admiravelmente a nova época. Também o Oriental começou muito bem, de tal maneira que na última jornada ainda tinha uma probabilidade de ser segundo! O que, sem dúvida, é um atestado do valor do «team» dos Szabos — o guarda-redes e o treinador.

Estoril e Belenenses, colocados no final da classificação, estão nos lugares certos — atendendo ao que fizeram no torneio. Que foi pouco.

O grupo da Costa do Sol sem poder utilizar os seu titulares — Vieira, por exemplo, não fez um unico jogo — foi obrigado a experiências que nem sempre resultaram bem. Mas foi o Belenenses o caso sério da prova, onde só na última jornada conseguiu triunfar. Por coincidência já pôde apresentar quase todos os titulares. O ataque é que, em relação aquilo que se supõe virá a ser, não esteve completo. Faltaram Sídónio e Jordão; o primeiro, marcador com essa função específica no «team»; o segundo, calcula-se, virá a ser o orientador de que, efectivamente, os avançados belenenses carecem.

Temos para nós que a crise belenense — que tanta tinta fez correr — está debelada. Tínhamos razão quando dizíamos, primeiro que ninguém, que o mal passaria...

Em reservas o Benfica venceu com 12 pontos.

A última jornada não ofereceu novidades. Tudo certo. O Sporting venceu o Estoril (3-1), na Amoreira; o Benfica derrotou o Oriental (2 0), no Campo Grande; o Belenenses bateu o Atlético (2-1), na Tapadinha. A título de mera curiosidade anote-se que houve duas vitórias fora.

Outra curiosidade: os atléticos voltaram a ser batidos por um golo nos últimos momentos.

Campo Grande — Jogo interessante, agradável, que não moeu. Viu-se com satisfação.

No primeiro quarto de hora, vantagem do Oriental, a jogar bem, com o famoso Eleutério em primeiro plano. Depois surgiu o «calor», a reacção benfica impulsionada por Moreira-Xico. Mais tarde, já no 2.º, o Benfica foi grandemente superior, dando uma mão cheia de trabalho a Szabo, aqui e além a tocar as suas acções de espalhafato.

O que mais impressionou foi a manobra do Oriental durante quinze minutos. Nesse período a equipa funcionou como máquina afinada, todas as peças no seu lugar.

Tapadinha — Excelente resultado do Belenenses, obtido com um golo de grande penalidade, duvidosa, diz-se. A equipa azul jogou muito tempo com dez unidades, porque uma teve de sair duramente tocada, David.

A falta deste rapaz pode ser colmatada com certa facilidade, chamando novamente ao «team» o médio Gonçalves e recuando Figueiredo para defesa em permuta com Rebelo.

O «team», é inegável, recompõe-se. Foi o Atlético bom contrincante. Até mais: se Sérgio não tivesse reaparecido em boa forma, é quase certo que os da Tapadinha ganhariam o desafio. Mas Sérgio é do «conze»... A infelicidade do Atlético esteve em perder quando já o empate era dado como certo. Repetiu-se o caso do Estádio Alvalade.

Estoril — Mais composto, voltando Raul Silva e Mota, o Estoril não deu ainda aos «leões» réplica que pudesse contrariar o prognóstico geral. A equipa, todavia, foi pouco feliz, pois o afastamento de Alberto enfraqueceu a defesa. Uma defesa que, em toda a primeira parte, só sofreu um tento, de livre (Barrosa).

O FINAL DA «TAÇA PREPARAÇÃO»



De cima para baixo — O guarda-redes belenense Sérgio está a postos para encaixar a bola que Ben David persegue inutilmente. — Uma intervenção de Feliciano, de cabeça, põe termo a uma avançada dos atléticos.

SPORTING-ESTORIL — Da esquerda para a direita. — Jesus Correia num remate que Sebastião defenderá, lança o pânico na extrema defesa do Estoril. — Olhos postos na bola, Manuel Marques prepara-se para intervir quebrando a iniciativa de Raul Silva. — Eloi observa uma jogada de Rola, o novo e promissor avançado dos «leões». — **BENFICA-ORIENTAL** — Da esquerda para a direita. — Szabo, novo guarda-redes do Oriental executa uma das muitas defesas a que foi obrigado no final do desafio. — Uma defesa de Contreiras com os punhos, a revelar segurança e atenção ao jogo. — Fernandes suporta a carga de França e consegue aliviar o seu campo.

(Continua na pág. 13)

OS SALTADORES

na época de 1949

Melhores resultados da temporada:

Altura: Matos Fernandes (Bf.), 1^m,85; Luís Falcão (Bf.), 1^m,80; Ant.º Mora (C. M.), 1^m,755; Noronha Feio (C. M.) e O. Costa (Bf.), 1^m,75; J. Batista e Alv.º Mendes (Sp.), A. Pimentel (Bl.) e X. Martins (Bf.), 1^m,70; Gomes Marques (C. M.), 1^m,685.

Vara: Prieta Caetano (Sp.), 3^m,45; Alv.º Dias (Sp.) e C. Costa (Bf.), 3^m,40; Martins Vieira (Bf.), 3^m,30; J. Matos (Bf.), Santos Vieira (C. M.) e J. Montalvão (E. V.), 3^m,20; Alb.º Silva e Ed. Matos (Bf.), Simões Dias (Ac.), 3^m,10.

Comprimento: Alv.º Dias (Sp.), 7^m,05; Luís Alcide (Bf.), 6^m,90; Matos Fernandes (Bf.), 6^m,81; L. Falcão (Bf.), 6^m,655; F. Ponce (Sp.), 6^m,59; Mire Dores (C. M.), 6^m,58; Aguiar da Câmara (C. M.), 6^m,55; João Vieira (Sp.), 6^m,405; Lopes Jonet (C. M.), 6^m,38; Ed. Pereira (Bf.), 6^m,36.

Tripo: Luís Alcide (Bf.), 14^m,34; J. Vieira (Sp.), 13,84; Falcão (Bf.), 13^m,65; Alv. Mendes (Sp.), 13^m,48; F. Calado (Bf.), 13^m,13; Moniz Pereira (Sp.), 13^m,11; Gomes Marques (C. M.), 13^m,08; C. Oliveira (Sp.), 12^m,99; Ramires Ramos (C. M.) e Ed. Pereira (Bf.), 12^m,98.

A circunstância mais interessante a assinalar na lista de quaranta nomes que encima esta crónica é de que nela são citados 10 vezes atletas juniores e 8 vezes principiantes; o que significa

considerável renovação de valores pois quase metade dos melhores elementos da época são praticantes novos, no ramo ascensional da sua carreira atlética.

Dos campeões consagrados, três se mostraram ainda em boa condição: Matos Fernandes, Luís Alcide e Alvaro Dias, este último tendo perdido a forma muito cedo na temporada.

Depois da sua magnífica exibição de Madrid, onde marcou seis saltos entre 6^m,91 e 6^m,99, atingiu no regional 7^m,05, transpondo ainda com a vara 3^m,40, a sua melhor marca; mas a partir deste torneio, ou por fadiga ou por desleixo de preparação, os resultados passaram a medíocres.

Matos Fernandes teve uma excelente temporada, rondando os seus melhores resultados, mas deixa-nos a impressão de pairar no vértice das suas possibilidades de especialização, que sacrificou — e com razão — ao seu talento de decatlonista. Lamentamos, apenas, que não tenha melhorado, como podia e merecia, o rêcorde do salto em altura.

Luís Alcide voltou ao melhor da sua forma, mas é um atleta de quem pode surgir uma surpresa agradável mas do qual já não poderemos contar com progresso apreciável.

Analizada assim, sucintamente, a acção das três grandes figuras da categoria, passemos a examinar os efectivos de cada especialidade.

No salto em altura ascendeu ao primeiro plano o junior Luís Falcão, rapaz de futuro, mas que espalhou demais as suas aptidões e com isso se prejudicou: altura, comprimento, triplo e barreiras, é excessivo para um atleta novato, embora pela idade e preparação física completamente formado.

Dos restantes esperançosos do ano precedente, nenhum progrediu, nem sequer Noronha Feio, de todos o mais bem dotado. Revelados na época, são de apontar os principiantes J. Baptista, A. Pimentel e, sobre todos, António Mora que pode vir a ser gente grande se trabalhar com afinco. Os melhores saltadores à vara da época, foram dois novos e um não especialista: Prieta Caetano apresentou-se no início do ano activo em excelente forma, mas caiu depois vertiginosamente; precisa de melhorar a velocidade da corrida e aperfeiçoar a posição das mãos na fase final do salto.

O principiante Alberto Silva acabou a época campeão-nacional, com marca apreciável para a média do nosso meio e Alvaro Dias, habilidoso, mas de estilo rudimentar, figurou entre os melhores mostrando que poderia ir longe se estivesse em condições de se preparar cuidadosamente.

De resto verificou-se a descida dos que estavam no alto da escala, Montalvão, Martins Vieira, Santos Vieira e o aparcimento de bastante gente nova — Lopes

Jonet, Carlos Cunha, Simões Dias — que evidenciou habilidade.

Os saltos em comprimento abundaram; dos principiantes saíram Fernando Ponce, de estilo quase perfeito onde apenas necessita correcção o projectar das pernas à frente para a queda, Lopes Jonet, Silva, E. Pereira e dos juniores: Luís Falcão, atleta já feito, Ernani Espinha e Carlos Esteves. A média dos resultados, nesta especialidade, tem melhorado consideravelmente em profundidade; o décimo resultado de 1949, teria sido terceiro em 1942.

Finalmente, o triplo-salto; aqui, também, os resultados subiram em qualidade e quantidade; há cinco anos atrás, apenas três ou quatro saltadores atingiam os treze metros, que hoje estão ao alcance de uma dezena. Muita gente nova com classe a cultivar: Alvaro Mendes, Calado, Gomes Marques, E. Pereira, Pignatelli, Palha, J. Sousa, Faria de Carvalho, Gonçalves, etc., ocuparão dentro em pouco os lugares dos actuais imediatos de Alcide: João Vieira, que começa a sofrer da dureza dos choques no calcanhar, Moniz Pereira, C. Oliveira e Ramires Ramos.

Em sùmula, não há motivos para conclusões pessimistas; se os consagrados não melhoraram, verifica-se que alguns, bem preparados, poderão manter-se na vanguarda e a subida dos novos elementos, numerosos e aptos, apresenta-nos o futuro em tonalidades risonhas.

SALAZAR CARREIRA

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA



O 30.º aniversário do BELENENSES



A sessão solene, comemorativa do 30.º aniversário do Belenenses e à qual presidiu o sr. dr. Salazar Carreira em representação do sr. director geral dos Desportos, decorreu em belo e significativo ambiente clubista. A' esquerda: Adécio Rosa proferir o seu discurso — palavras de fé nos destinos do clube e de certeza na situação de relevo a que o Belenenses há-de regressar. A' direita: A presidência à sessão solene vendendo-se os atletas a quem foram entregues os prémios e sócios com mais de 25 anos de filiação

Curiosidades...

Todos os jogadores do F. C. do Porto assinaram finalmente as suas fichas. O último foi Gastão. Este jogador esteve em Lisboa e nos arredores (Vila Franca de Xira), depois do regresso de África, e chegaram a preparar-se negociações para o fixar num importante clube da capital.

♦ O jogador Vieira, do Estoril, foi abordado em Lisboa por elementos que simpatizam com o F. C. do Porto — nesse grupo não estava incluído qualquer jornalista, ao contrário do que se noticiou — e tudo chegou a estar no «ponto de rebaço». O excelente jogador do Estoril não foi exigente, se compararmos o que pediu com outras verbas astronómicas: 80 contos e um emprego no Porto.

Quando Vieira estava disposto a deslocar-se — tudo emperrou no Porto. E emperrou porque... os campeões não tiveram «forças» para segurar o trabalho dos seus dedicados amigos!

Eis o que tínhamos para dizer na última semana... e não dissemos. Ou melhor: dizemo-lo hoje porque tudo ficou arrumado. Os rapazes que em Lisboa entraram em contacto com o simpático «Vieirinha» ficaram desoladíssimos quando os seus esforços se perderam...

♦ Está causando sérias apreensões o péssimo rendimento da linha avançada do F. C. do Porto. Fala-se na reentrada de Gomes da Costa...

Mas se o F. C. do Porto possui defesas a mais, já se experimentou, por exemplo, a adaptação de alguns à linha dianteira? As vezes, de onde não se espera...

♦ Causa impressão entre a massa desportiva portuense a certeza de que o Salgueiros não seria incluído no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Entretanto, o popular clube portuense prova que tem actualmente valor para ser encaixado no grupo dos concorrentes.

♦ Não parece que o andebol de sete venha a triunfar na cidade do Porto. O basquetebol seria imitado, mas grosseiramente. Deste modo, julgamos que poucos clubes da capital do Norte se interessarão pela nova modalidade.

♦ Complicações de vária ordem surgiram com a indicação do ele-

Stadium

na capital do Norte

Mosaicos nortenhos...

A NOVA ÉPOCA E OS CLUBES PORTUENSES

Não há muito optimismo por cá. Os principais clubes, e neste termo «principais» incluímos o F. C. do Porto, o Boavista, o Leixões, Leça, Salgueiros... e o próprio Tirsense,

mento que deve fazer parte do Conselho Técnico da F. P. F., como representante do Norte. Isto porque Aveiro tem as suas pretensões. Todavia, acreditamos na vitória do bom senso.

♦ Barrigana, segundo parece, principiará brevemente os seus treinos. Claro — primeiro sem bola. A ginástica desenferujará os seus músculos, algo presos pela imobilidade.

♦ O Boavista jogou pouco contra o Salgueiros. Deve o clube do Beasa acautelar-se...

♦ Pelo sorteio da Federação, teremos dois domingos sem futebol grande. Como se vê — a capital do Norte, se quiser ver jogos de boa categoria, terá de ir para fora de portas...

♦ Volta o ciclismo à normalidade? Pelo menos, já se abrem para ele as portas do Estádio do Lima. Mas é um pouco tarde. E a chuva também deixou as suas marcas em plena pista, tornando difícil a organização de provas.

A propósito de ciclismo: Fernando Moreira regressará em breve às provas de competição? Oxalá assim aconteça. Sem prejuízo da disciplina...

♦ Contaremos de novo com o Campo da Constituição... Claro que continuaremos a dizer: — as obras de preparação do Estádio das Antas estão para breve...

não se apresentaram em público com equipas que fizessem espantar o público adepto.

A maioria, portanto, não saiu contente dos terrenos de jogo. Os seus favoritos, perdendo ou mesmo ganhando, exibiram-se pobremente, e nem sequer deixaram a impressão de que poderiam melhorar nos próximos jogos. Salvo um ou outro caso, no Salgueiros, no Tirsense, apresentando-se a mesma gente das outras épocas, pode afirmar-se que o ano actual será inferior — o que já é péssimo, ao que há meses se concluiu.

Oxalá todos se enganem. Mas... não se vê gestos.

FERNANDO MOREIRA E A CRÍTICA

Tem sido «fustigadíssimo», o rapaz de Sobrado. Lemos críticas de estarrecer, a favor e contra, e por certo se ha-de ter perturbado com elas o excelente corredor do F. C. do Porto.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Fernando Moreira também não merece que o condenem de tal modo, esquecendo-se de um momento para o outro o seu trabalho profícuo e valoroso. O ciclismo nortenho deve a Fernando Moreira um impulso grandioso, honesto. Que tal facto o coloque a coberto de castigos — não senhor. Isso mesmo o dissemos já. Fernando Moreira ou atletas da sua igualha devem mostrar-se dignos do seu nome e da sua categoria. Dão a quem doer.

Todavia não fica mal certo comentário na crítica. Aos que defendem — e aos que atacam!

TEREMOS ESTE ANO OBRAS NAS ANTAS?

Um desportista que por várias vezes tem ocupado cargos no F. C. do Porto — desportista que já se sacrificou muito do seu tempo e do seu dinheiro ao clube da Constituição, diz-nos que teremos ainda este ano, talvez breve, obras no Campo das Antas.

Pois oxalá! O Campo da Constituição, a despeito das modificações que quiseram introduzir-lhe, não servirá o clube e nem os grandes jogos. O futebol — finalmente.

Mas temos ouvido dizer tanta coisa sobre o Estádio das Antas, que quise nos permitimos duvidar das informações amigas do desportista que «sabemos beber do fino». Se ele estiver bem informado, ganharemos todos, e alguma coisa o progresso do futebol portuense. Enquanto tal não acontecer — teremos de ver o primeiro clube no plano secundário...

RESSURGE O SALGUEIROS? NA 3.ª DIVISÃO, PORÉM...

Uma vaga de simpatia e de entusiasmo envolve actualmente o popular Salgueiros. Treinado por Alfredo Valadas, o grupo dos encarnados está a preparar-se activamente para um bom campeonato.

Todavia, parece estar perdida a esperança de disputar o Torneio da 2.ª Divisão. Alinhará na 3.ª, e a menos que as coisas se modifiquem, só para o ano poderá ser incluído naquela que se segue...

O Salgueiros denuncia presentemente o seu propósito firme de subir. Por isso lamentamos sinceramente que não consiga fazer ouvir a sua voz. Há pouca sorte, este ano. Perdeu-se o Boavista, e fica de fora uma equipa prometedora...

Salgueiros, 2-Boavista, 0



Lourenço, do Boavista, procura rematar com êxito; mas Soero, guarda-redes do Salgueiros, antecipa-se com rapidês e capta a bola

Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

NATAÇÃO

A prova Cruz Quebrada - Belém

foi ganha por Baptista Pereira

O Clube de Futebol «Os Belenenses» — um dos grandes — resolveu incluir nas comemorações do seu 30.º aniversário uma prova de natação. O facto, só por si, deve ser motivo de júbilo para todos os que sinceramente se interessam pelo progresso da natação desportiva, dado que revela claramente que no popular e prestante clube da Cruz de Cristo, a modalidade continua a ter quem a acarrije e empreste boa parcela de esforço, actividade e dedicação.

E vem a propósito recordar que «Os Belenenses» marcaram outrora — um outrora relativo, claro está — magnífico lugar na natação. Silva

Marques, Orlando Serra, Delfim Cunha foram figuras gradas da natação — e de «Os Belenenses».

Já na época passada «Os Belenenses» organizaram, no lago do Jardim Colonial, um interessante festival — eloquente prova de vitalidade da secção do clube — que deixou a melhor impressão. Na época em curso, os nadadores «azuis» afirmaram, por diversas vezes, o seu desejo de progredir e de comparecer às diversas provas e campeonatos. A corrida de domingo último foi fecho condigno de uma temporada de trabalho intenso. E com ela, o clube a que tão inteligentemente preside Actácio Rosa, está de parabéns, pela bela prova que



Odete Maria Nobre, do Estoril Praia, Lucília Angeja, do Algés e Dafundo, Luis Reis dos Belenenses e Antonio Pala, do Algés e Dafundo, as duas senhoras e os dois veteranos que tomaram parte na prova



Da esquerda para a direita. — Baptista Pereira, Joffre de Carvalho, António de Carvalho e Manuel Pinhão, os fortes nadadores alhandrenses acompanhados do seu treinador e de Odete Nobre a primeira senhora que chegou a Belem.

levou a efeito, pelo bom serviço que prestou à natação.

A dureza da prova — 5 000 metros, com a passagem da Torre, sempre difícil — foi consideravelmente atenuada pelas excelentes condições de rio, o que justifica plenamente que se não tenham verificado desistências.

O número de nadadores que faltaram à chamada foi elevado — viate e um — o que é tanto mais para lamentar, porquanto muitos dos ausentes teriam obtido, certamente, posições de relêvo. Talvez que entre eles se contem, até, alguns dos que muitas vezes se queixam de falta de provas...

O panorama não se modificou grandemente em relação às provas anteriores. Como nota dominante, a esperada e justa supremacia do quarteto alhandrense: Baptista Pereira, Joffre de Carvalho, António de Carvalho e Manuel Pinhão. Joffre voltou a acompanhar até perto da meta o vencedor, sendo batido, mais uma vez, na em-

balgagem final, tal como os «tempos» respectivos deixam antever: 50 m. 32 s. e 50 m. 36 s., António de Carvalho (50 m. 55 s.) e Pinhão (51 m. 10 s.), dentro da bitola habitual.

A seguir aos fortes e imbatíveis alhandrenses, há, realmente, que destacar com o devido relêvo, a magnífica prova do junior do Barreirense, Donald Soares um rapaz que se afirma dia a dia, e que bem merece ser encaminhado e encorajado. Com marca valiosa — 52 m. 15 s. — Donald Soares obteve a melhor classificação a que podia aspirar.

Interessantes, também, as posições de Manuel Rodrigues (55 m. 58 s.), Ricardo Abreu Costa (57 m. 10 s.) — outro elemento do Barreirense — Oscar Monteiro (57 m. 50 s.) — o esperançoso junior do Adicenses — Leonel Sousa Gomes (58 m. 28 s.) e Agostinho Alvaro Baptista (58 m. 45 s.), este o melhor representante do clube da Cruz de Cristo.

Além, a representação belenense foi numerosa, o que agrada pôr em relêvo, podendo o popular clube orgulhar-se, legitimamente, do seu expressivo triunfo na categoria de juniores.

Edmundo Leal da Silva, Armando Figueiredo, Manuel Carrasquillo, Ricardo Denis Mendes, Armando Baptista Mendes, Humberto Azevedo, Alvaro de Figueiredo e Abel Alves compreenderam perfeitamente a sua posição de representantes do clube organizador.

Excelente corrida a de Odete Maria Nobre, com o «tempo» magnífico de 59 m. 42 s. que lhe dá o 11.º posto na classificação geral. Lucília Angeja — a outra senhora concorrente — obteve 1 h. 1 m. 35 s., marca também valiosa.

Dois «veteranos», Luis Carlos Reis (1 h. 4 m. 36 s.), um «tempo», sem dúvida, interessante, e António Afonso Pala (1 h. 15 m. 15 s.) — cuja presença constituiu a melhor lição para os novos.

«Os Belenenses» prestaram belo serviço à modalidade organizando a corrida Cruz Quebrada-Belém, certamente ponto de partida para mais largos vãos. E porque vem a propósito — e é justo — há que registar os nomes de Alberto Correia e Carlos Pereira da Silva, dois dedicados dirigentes da A. N. L., dois dedicados elementos dos «azuis».

E encerramos, também, com outra referência elogiosa — e merecida. Esta à Corporação dos Pilotos, à Polícia Marítima e à Cruz Vermelha Portuguesa.



O Clube Nacional de Natação levou a efeito no passado domingo, na sua piscina, um festival de natação para apresentar os alunos das suas escolas e para disputa do título de «Nadador Completo» do clube. Eis o grupo dos concorrentes.

OS ESGRIMISTAS DE TOULOUSE VENCERAM OS DE LISBOA

SE o encontro entre os esgrimistas de Toulouse e de Lisboa marcou o início de uma actividade que se espera recomponha na melhor forma entre nós o nobre desporto, deixou no entanto fraca impressão quanto à exibição técnica da equipa que representou Lisboa — a sala Carlos Gonçalves.

A equipa francesa — representativa de equipas de Toulouse — exibiu-se por forma a evidenciar os benéficos resultados de treino e contacto internacional, e esse apelo julgamo-lo ver reflectido na calma com que os esgrimistas franceses conduziram e aguentaram os assaltos.

No entanto, o nível técnico da nossa equipa foi inferior ao que se esperava, pois que os nossos quatro esgrimistas têm nome feito e posição de relevo.

Carlos Dias, campeão de Portugal; dr. Francisco Sousa Uva, internacional, dr. João Penha e Costa, atirador olímpico e o comandante Henrique de Noronha, formaram a equipa de Lisboa. Toulouse enviou-nos, Jourdan, internacional-olímpico, Henri

David, vencedor do torneio pré-olímpico do Sul da França no ano passado, Van Thien, campeão dos Pirineus e Marcel Dutot, atirador internacional de grande mérito.

Carlos Dias foi o melhor dos portugueses confirmando e mantendo a classe de que ultimamente tem dado provas magníficas. Teve momentos admiráveis, esgrimindo com vivacidade e impondo três derrotas aos franceses Jourdan (3-2), Dutot (3-1) e Thien (3-0). Mas a superioridade dos franceses manifestou-se categoricamente através de belíssimos assaltos não deixando dúvidas a sua categoria de espadistas, se bem que, voltamos a afirmá-lo, os nossos esgrimistas estiveram muito abaixo das suas reais possibilidades.

A equipa de Lisboa daria por certo outro rendimento se tivesse sido possível a comparação de Alvaro Pinto — impedido por motivo de doença — no lugar de Francisco Uva, que se nos mostrou sem temperamento para estas provas e com falta de preparação.

Aquele atirador ajudando com a sua experiência o bom comportamento de Carlos Dias, teria permitido um bom resultado da equipa lisboense.

Henrique Noronha e Penha e Costa estiveram muito abaixo do seu nível habitual.

Henry David foi dos franceses o melhor, francamente bom, impressionando-nos pela sua naturalidade. Marcel Dutot, apesar da sua idade, mostrou-se-nos um atirador interessante. Van Thien, é um esgrimista rápido, Jourdan é de todos o mais fraco. A sua actuação não impressionou.

No entanto esta noite de esgrima no Casino do Estoril agradou. Louve-se a iniciativa da actual Comissão Administrativa da Federação. Os assaltos foram dirigidos pelo mestre de armas capitão Campos de Andrada e presidiu o sr. Director Geral dos Desportos.

Os resultados foram os seguintes:

Franceses:

Jourdan, 2-2; Henri David, 4-0; Van Thien, 3-1; Dutot, 2-2.

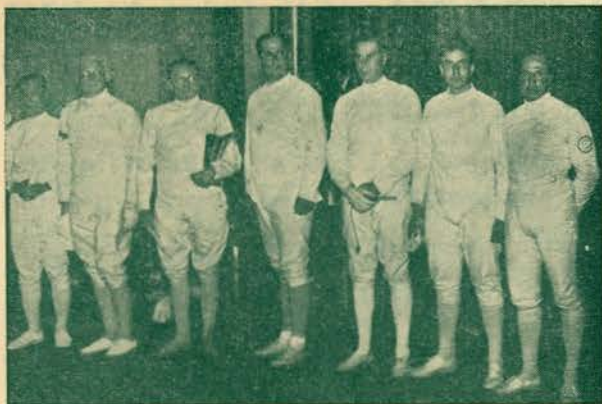
Portugueses:

Carlos Dias, 3-1; Henrique Noronha, 1-3; Penha e Costa, 1-3; Francisco Uva, 0-4.

A vitória dos franceses por 11-5 foi justa, mas não traduz um resultado normal, dadas as condições em que actuou a nossa equipa.

Aguardemos agora o torneio individual que amanhã se disputa, também no Casino Estoril, e no qual deverão comparecer 15 atiradores.

F. S.



Um grupo de concorrentes ao Lisboa-Toulouse



O Director Geral de Desportos entrega a taça «Air France» a Fernand Jourdan, capitão da equipa de Toulouse



O dr. Sousa Uva (à direita) no seu assalto com o excelente Henri David, o mais forte espadista da equipa francesa

FUTEBOL

Torneio de Preparação

(Continuação da página 8)

Sebastião, guarda-redes dos amarelos, chamou a atenção. Há muito que isso se dá. É um magnífico «porteiro».

Quando Vieira voltar — há-de voltar!... — a equipa ganhará mais poder ofensivo. Como na defesa está bem, a Costa do Sul continuará a ter boa representação no Nacional.

Os «leões» já sem Peyroteo — para se habituarem! — e sem Albano, ganharam bem. Rola, a avançado centro, fez o lugar, escapou. O jovem Barros, um habilidoso, foi bom interior. Do antigo ataque leonino estiveram só dois homens na Amoreira: Jesus Correia e Vasques. Mesmo assim fez três bolas nas redes de Sebastião.

Vem aí agora o Nacional, com todo o seu cortejo: ansios, desilusões, tardes magníficas, tardes tristonhas em todos os sentidos, surpresas...

Que venha em bem.

MANUEL MOTA

Classificação geral

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting.....	5	5	—	—	18	2 18
Benfica.....	5	3	1	1	11	5 12
Oriental.....	5	2	1	2	9	15 10
Atlético.....	5	1	2	2	8	2 9
Estoril.....	5	—	—	4	6	14 7
Belenenses....	5	1	—	4	3	11 7

O êxodo dos jogadores argentinos

suscita apreensões

Os famosos Di Stefano e Rossi figuram entre os que abandonam a Argentina

ESTÃO abandonando a Argentina os mais famosos jogadores daquele país, convertendo-se, assim, a marcha para o estrangeiro num verdadeiro êxodo.

Esta «fuga» começou há meses, em plena temporada oficial, com a viagem a Itália dos mais destacados «players», para continuar logo com a debandada até à Colômbia, especialmente para o Clube dos Milionários, de Bogotá.

Logo de pronto, os jornais deram o grito de alarme, ante tal êxodo, que parecia haver cessado. Mas, agora, voltou a verificar-se e com carácter obstinado, pois que, entre os que acabam de abandonar a Argentina, figuram nada menos do que os famosos jogadores internacionais do «River Plate» — o avançado-centro Di Stefano e o médio-centro Rossi.

E, ainda que seja em «segredo», têm já as malas feitas, com o mesmo destino, Arnaldo Vazquez, do Lanús, e Ferrari e Coll, do «River Plate».

A estas partidas há a juntar outras, como o «par» defensivo do clube «Chacarita Juniores», integrado por Busico e Campana.

Anotemos ainda os seguintes jogadores: Dutruel — médio-centro do «Boca Juniores», e Pessa-



Di Stefano

rini, extremo-direito, do mesmo clube. Há fortes razões para afirmar que o excelente interior-direito do «Banfield», que, juntamente com Simes, do «Racing» de Buenos Aires, figuram nos primeiros postos dos marcadores de golos do actual campeonato,

têm já firmado bons contratos com um clube do Brasil.

E, se isto ainda nada fosse, temos Gutierrez, Salvini e Sued, todos do «Racing», que estão dispostos a aceitar umas vantajosas propostas e empreender viagem até Colômbia, a fim de se juntarem aos que lá estão em número elevado.

E' necessário que a Argentina reveja o problema do seu futebol que não é mais do que um problema entre jogadores profissionais. A dura realidade está à vista. E' imprescindível que aqueles que dirigem o futebol daquele país tomem medidas capazes de suspender o êxodo. O Campeonato do Mundo está à porta. A Argentina tem responsabilidades. E esperemos, pois, que tudo se recomponha.

O futebol profissional tem as suas vantagens, mas as desvantagens são de tal maneira superiores que destroem por completo tudo o que há de bom no sistema profissional. Isto de criar perfectas sociedades desportivas e regulá-las no notário por escritura, não está ainda ao alcance de todos os países. Os mais adelantados no profissionalismo sofrem, por vezes, bastante e a sua estrutura abala fortemente ameaçando ruína.

Entre nós, há quem defenda o o profissionalismo. A criação de sociedades desportivas. Pois bem, apenas podemos dizer que, com a «nossa» maneira de ser, clima, temperamento e sobretudo educação, não é viável nestes 50 anos mais próximos.

Já sabemos que a principal medida que a Argentina terá de

Um problema do ciclismo

OCUPAM-SE neste momento os organismos dirigentes do ciclismo nacional da forma mais eficiente de reprimir a abusiva organização de provas reservadas a corredores não filiados e que não receberam a autorização legal.

Trata-se de um problema de grande importância, que representa intolerável menosprezo pelas disposições estabelecidas pela direcção Geral dos Desportos e a cuja sombra se cometem lamentáveis abusos, pondo em competição ciclistas que não foram sujeitos ao indispensável exame médico ou, pior ainda, rapazes que foram declarados, após rigorosa observação clínica, incapazes para praticar o ciclismo e cujos mentores disso foram informados.

Dizemos de banda qualquer comentário ao critério e responsabilidade moral desses indivíduos, para apreciar apenas o caso na generalidade, enquadrando-o nas normas a que se cinge o desporto português.

Sem autorização federal, sem o visto da Direcção Geral não podem organizar-se competições desportivas no País; esta anomalia do ciclismo, porque se verifica em regra na Província escapa à fiscalização oficial, mas para a reprimir como urge é aconselhável uma diligência das instâncias superiores junto dos Governadores Civis para que proíbam a realização de provas velocipedicas desde que os organizadores não apresentem o documento de licença federal.

O assunto, como dissemos, está merecendo todo o interesse dos organismos dirigentes e confiamos na sua solução rápida, pois representa abusiva exploração da popularidade do ciclismo, com fins pouco desportivos, pois que não respeitam a lei do desporto.

JOAQUIM BRANCO

o melhor atleta do ano



Joaquim Branco, o magnífico atleta belenense, conquistou o título de «Melhor atleta do ano» em face de um concurso promovido pelo jornal «Diário Popular». Foi portanto o publico que lhe deu esse galardão e o atleta recebeu uma salma em prata onde se inscreveu essa honraria. O prémio entregou-o depois Joaquim Branco a Acácio Rosa para que ele figure junto dos honrosos trofeus belenenses. E' esse acto que a nossa gravura reproduz



Rossi

por, será a de pagar aos «ases» (eis o profissionalismo) aquilo que eles reclamam e que pelos vistos lhes dão nos países de somenos importância do que a Argentina.

O regime que impera no futebol argentino não prevê essa possibilidade. Parece-nos, pois, que seria de toda a conveniência que fosse revisto, para que se possa satisfazer as aspirações, que nalguns casos devem considerar-se, sob o ponto de vista humano, como lógicas, já que desejam o profissionalismo.

Um profissional que sabe que a sua vida desportiva pode ser breve, quer aproveitar todas as boas ofertas e, assim, é fácil que ele abandone o clube onde as suas condições de vida sejam precárias.

Não podemos exigir ao jogador profissional que pense no Campeonato que está disputando ou mesmo que faça sacrificios pelo seu clube ou ainda que se sacrifique para ingressar na equipa que disputará a Taça do Mundo.

As suas preocupações são outras. Bem diferentes. E' aos dirigentes e aos aficionados que cabe aquelas inquietações: se ganham ou não o Campeonato ou se formam ou não a equipa com este ou aquele jogador.

Deve-se, portanto, tratar de impedir com armas legais, e talvez até por um bom entendido egoísmo, que os grandes valores do futebol, neste caso o argentino, abandonem a sua pátria.

As baixas são sempre prejudiciais, e no caso presente, como é natural, trata-se de «ases».

J. B.

NOTA DA SEMANA

A recente vitória da equipa nacional do Eire sobre o grupo representativo da Inglaterra, obtida por 2-0, no campo do Eerton F. C., produziu, como é natural, forte surpresa e desapontamento entre os vencidos. Os ingleses haviam escolhido gente nova para os representar no Goodison Park, de Liverpool, aguardando com grande confiança o resultado do «match». Ora, os onze de camisola verde deram uma lição de futebol aos de camisola branca, em particular o jovem estreante Peter Desmond e Johnny Carey, capitão do grupo do trevo, aquele conduzindo o ataque do Eire e este capitaneando o conjunto.

A Inglaterra resolveu quebrar o gelo das relações entre a Irlanda Livre e os restantes países do Reino Unido, nomeadamente a Escócia, Gales e Irlanda do Norte. Para esse efeito, convidou os representantes do Eire a enfrentar os seus, pela primeira vez num rebeldado britânico.

Semelhante gesto conciliador poderá levar os escoceses e galenses ao reconhecimento da Irlanda Livre como país independente, futebolisticamente falando, é claro, e, ao mesmo tempo acolhe-la no seio da Comunidade Britânica — apesar dos fortes preconceitos religiosos que sempre obstaram esse gesto de concórdia.

Até à presente época o Eire andou ignorado. As Associações da Grã-Bretanha emparelhavam com a da Irlanda do Norte e o Eire filiou-se na FIFA, disputando desafios contra os países continentais.

Quando a Inglaterra, Escócia e Gales voltaram à FIFA, tornou-se mais delicado conservar o afastamento do Eire e agora os ingleses resolveram estender a mão aos irlandeses, convidando-os para Goodison Park e facilitando-lhes agenciaria fundos pecuniários, de premente necessidade.

As consequências prováveis da decisão dos ingleses — decisão que não agradou a todos — devem enfraquecer notavelmente a Irlanda do Norte, a outra parte da Ilha verdejante, até aqui favorecida.

De facto, as duas porções do território irlandês, politicamente separadas, ficarão em pé de igualdade quanto às restantes nações do Reino Unido mas em condições desiguais no conceito internacional.

Se o Eire robustecer as suas finanças e a FIFA, como é lógico, impedir que os jogadores representem, indistintamente, o Eire ou o Ulster — como tem sucedido com Walsh e Carey — então o país do sr. De Valera, tomará a dianteira, ocupando um lugar proeminente em relação à Irlanda do Norte.

Eis porque o desafio Inglaterra-Eire teve mais importância essencial que à primeira vista poderá supor-se. Não só a Inglaterra deu a grande oportunidade aos irlandeses como saiu do encontro subjugada, posta em cheque.

Num ápice os representantes da Ilha Verde ascenderam a um plano igual ao das restantes nações do Reino Unido e, se persistirem, têm o destino assegurado, de direito e de facto, no conceito internacional.

Essa ascensão marcará, como atrás dissemos, o declínio e o caso da Irlanda do Norte, com outras consequências além das que já se vão prevendo.

RAFAEL BARRADAS



Willie Pep, campeão do Mundo de «levíssimos» enfrentou Eddie Campo, de New Haven, para o título. Apesar da supremacia de Pep, que lançou o adversário ao solo, por duas vezes, no 5.º assalto e o forçou a desistir no 7.º, Eddie Campo foi valente. Esta fase, tomada no 4.º assalto, mostra claramente os efeitos dos golpes do campeão

Boxe

O principal acontecimento desta semana foi a reunião do congresso da European Boxing Union, assim se designa o organismo que superintende no profissionalismo da Europa.

A nota saliente dos trabalhos foi a sistemática obstrução do representante de Inglaterra, que procurou a todo o transe, consolidar a posição do seu país com detrimento das restantes nações. A Bélgica apresentou em conselho o caso Cerdan-Delanotti, que embora reunisse os sufrágios de quase todos os países acabou por ser favorável ao ponto de vista francês, na votação definitiva.

A admissão da Alemanha foi discutida, mas, para entrar na comunidade, precisará de conseguir uma federação funcionando nos moldes clássicos, isto é, com dirigentes puramente amadores.

Também se considerou destituído do título de campeão da Europa, por incapacidade física, o pugilista Bruce Woodcock e fixou-se em Madrid, o local do congresso de 1950.

O segundo acontecimento bombástico da semana foi o adiamento do combate Cerdan-La Motta, que estava para ser realizado a 28 de Setembro último.

La Motta sofre de uma moléstia pouco aparente, que torna dolorosos os movimentos de pescoço, e só poderá combater o pugilista francês em Dezembro. Parece, todavia, que a sábia indisposição do americano é um pretexto para não conceder a desforra, pois La Motta encontra dificuldades em descer ao limite da categoria de pesos «médios».

Em Barcelona o campeão de Espanha de «médios», Soldavilla, venceu o riojano francês Germain Caboche, por abandono 8.º assalto. No mesmo espectáculo, Luis Romero derrotou Falcinelli, por desclassificação ao 4.º rd., mas estava em inferioridade pontual quando o árbitro proclamou a decisão.

Em Paris, na sala Wagram, o semi-pesado Corenthin bateu, por KO ao 6.º assalto, Hairabediana e o semi-leve Bonnardel bateu Rossellini, por pontos.

Em Schenectady (NY) o preto Sandy Saddler (semi-leve) ganhou a Heinhold por KO técnico ao 2.º rd.

Na Dinamarca, os amadores belgas foram derrotados pelos dinamarqueses por 7 vitórias a 1.

Atletismo

Viljo Heino, o admirável fundista finlandês que há poucas semanas melhorara o recorde mundial de dez quilómetros, acaba de conseguir outra proeza de tomo. Competindo em Helsinquia, numa prova de 20.000 metros, terminou em primeiro lugar, no tempo de 1 h. 2 m. 40 s., o que bate o recorde mundial da distância em poder do húngaro Andras Csaplar, com 1 h. 3 m. 1,2 s.

Ciclismo

António Bevilacqua é o novo campeão italiano de perseguição, título que conquistou pela segunda vez. Nas semi-finais, efectuadas no Estádio Vigorelli, de Milão, Coppi derrotou Benfenatti, em 6 m. 24,4 s. e Bevilacqua ganhou a Santi, em 6 m. 21 s. A final correu-se em 6 m. 16 s. (Bevilacqua) ficando Coppi a larga distância, no tempo de 6 m. 23,6 s.

Como se sabe, a corrida disputou-se num percurso de 5 quilómetros.

Andebol

Realizou-se, em Budapest (Hungria) um campeonato internacional, denominado com excessiva prosápia «Campeonato do Mundo», ao qual concorreram diversos países europeus.

A Hungria saiu vitoriosa, batendo a Checoslováquia por 4-1. Em 2.º lugar classificou-se a Austria, seguida da Checo e da França

Futebol

As posições dos clubes ingleses que participam no campeonato da Liga (1 Divisão), ao fim da nona jornada, é a seguinte:

Wolves, com 8 vitórias e 1 empate (17 pts); Liverpool (13 pts); Manchester United e Burnley (12 pts); Blackpool e Chelsea (11 pts); Portsmouth, Aston Villa, Derby County; West Bromwich Albion e Arsenal (10 pts), etc.

Na última jornada, os Wolves bateram esmagadoramente o Huddersfield, por 7-1; o Arsenal recebeu Birmingham e

aplicou-lhe 4-1; Aston Villa empatou com Everton, 2-2; Liverpool bateu o Derby por 3-1 e o Charlton perdeu ante o Middles por 3-0; Burnley conseguiu ganhar ao Manchester United, pela diferença mínima, mas tanto o Blackpool como o Portsmouth derrotaram, respectivamente, Manchester City e Bolton, por 2-0. Finalmente, o Sunderland dispôs, por 2-1, do West Bromwich Albion.

Depois da 8.ª jornada do Campeonato da Bélgica os principais lugares da classificação são os seguintes: Anderlecht e F. C. Malines... 7 pts. Charleroi e Berchem... 6

Na Itália o Juventus segue à frente da tabela, com 6 pts., seguido de quatro clubes, Internazionale, Como, Padua e Milão, com 5 pts.; Bari, Atalante e Torino, com 4.

No Campeonato de Espanha, seguem na frente, Celta e Bilbao (6 pts.); Espanhol, Real Madrid, Terragona e Coruña (5 pts.); Barcelona, Atlético de Madrid e Valência (4 pts.); S. Sebastian (2 pts.); Sevilla e Oviedo (1 pt.).

GRAVURAS

de Armels & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

Taça Preparação da A. F. P.



A equipa do Salgueiros que, na final da Taça «Engenheiro Barros Moura», venceu o F. do Porto, facto que pode ser apontado como verdadeiramente sensacional



Mais uma boa defesa do guarda-redes salgueirista, opondo-se aos esforços dos atacantes azuis e brancos, que não puderam obter nenhum tento



Socero, guarda-redes do Salgueiros, impede que o ataque do F. C. do Porto marque ao menos uma bola



A equipa de basquetebol do «Ferrocarril» de Madrid, que a convite do «Ferrovários» de Campanhã jogou no Porto com este clube e o Vasco da Gama. Apesar de se tratar de um conjunto magnífico, os madrilenos sofreram dois derrotos, 60-44 com o Vasco da Gama e 39-30 com o Ferrovários



Futebol em Coimbra

União, 4-Elvas, 1

«O Elvas» deslocou-se a Coimbra para disputar um encontro com o União. O jogo agradou e o onze coimbrão teve ensejo de desenvolver um futebol rápido e vivo a que só de início os elvenses conseguiram opor-se com jogadas de melhor ligação. As quatro fases que publicamos demonstram realmente a animação de jogo que se desenvolveu entre conimbricenses e elvenses

